

ENTRELAÇAMENTOS SOCIAIS NA COMPOSIÇÃO DE UM TEXTO: DIÁLOGOS COM O OUTRO

Keila Matida de Melo Costa*
Murilo Macêdo Narciso**

RESUMO: Este artigo tem como propósito apresentar as contribuições dos estudos bakhtinianos sobre linguagem para o aperfeiçoamento do trabalho do corretor linguístico. Para isso, analisa produções opinativas de vestibular oriundas da Coletânea de Vestibular do primeiro semestre de 2009 da Universidade Federal de Goiás. Tais produções apontam a necessidade de o corretor não limitar seu trabalho apenas aos aspectos linguísticos do texto, devendo apreendê-lo numa perspectiva também extralinguística. Apreensões as quais supõem ter conhecimento sobre linguagem, cuja especificidade abrange, dentre outros aspectos, gênero discursivo, dialogismo, compreensão ativa responsiva e auditório social.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros. Diálogo. Corretor linguístico.

Este trabalho objetiva compreender, pelos estudos bakhtinianos, como a escrita se constitui como trama discursiva em produções do vestibular de 2009/1 da Universidade Federal de Goiás (UFG). A escolha da Coletânea de Vestibular da UFG é justificada pelo fato de essa universidade há mais de dez anos promover um curso de formação de professores, *Corrigindo redações da UFG*, o qual visa contribuir para o papel do corretor linguístico. Não obstante, essa formação se expande e é, muitas vezes, exigida para o trabalho de correção de textos em escolas do ensino médio. A escolha deve-se ainda ao fato de o processo seletivo trabalhar gêneros discursivos e não tipologias textuais¹.

Para este estudo, foram escolhidas produções que contemplassem um gênero opinativo: o editorial. Os textos selecionados obtiveram notas aproximadas da máxima, levando em conta essencialmente a contemplação e extrapolação do tema e a construção persuasiva de seus discursos. Portanto, foram selecionados textos que obtiveram alta

* Professora de Língua Portuguesa da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG). Doutoranda em Educação pela FE/UFG. E-mail: k_mcosta@hotmail.com

** Professor de Língua Portuguesa da Escola SESI SAMA, em Minaçu, Goiás. Especialista em Assessoria e Correção Linguística pela Universidade Estadual de Goiás. . profmuriloport@hotmail.com

¹ Marcuschi (2008) diferencia gênero discursivo de tipologia textual. Para esse autor, tipos textuais abrangem: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção, já o gênero discursivo apresenta características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição.

pontuação, subentendendo, entre outros fatores, boa contemplação de tema, coletânea e gênero, o que não se observa em todas as produções, pois em alguns casos a correção primou-se por outros fatores².

O editorial pertence ao chamado jornalismo opinativo e tem como propósito seduzir, buscar adesão do leitor, persuadi-lo a partir do posicionamento ideológico do órgão de imprensa a que serve. Por manter e assegurar os propósitos de um órgão específico, o editorial apresenta-se como composição oriunda de uma coletividade. Isso se manifesta no compromisso que se confere a essa escrita. Geralmente o editorial é assinado pelo editor ou não é assinado. Tanto em um quanto em outro caso, dá-se a entender, justamente, a dimensão de coletividade, de responsabilidade conjunta sobre o que está sendo defendido. Por essa razão, o editorial é chamado de artigo de fundo diferentemente do artigo de opinião (COSTA, 2008, p. 88). Um dos aspectos interessantes desse gênero é o impacto que ele busca produzir no leitor. A escolha de palavras e a forma de composição do texto pressupõem a construção de um leitor idealizado, em que, ao estar inscrito no texto, assume tal lugar pela identificação dos propósitos da escrita. Ao se reconhecer no texto, o leitor pode vir a se constituir público de tal produção.

A partir de tais delimitações, este artigo se apresenta dividido em duas partes. Na primeira são apresentados alguns dos conceitos de linguagem da teoria bakhtiniana, como dialogismo, interação, compreensão ativa responsiva, auditório social entre outros. Na segunda são analisadas, pelo embasamento teórico apontado, as produções do vestibular de primeiro semestre do ano de 2009 da UFG.

1 A linguagem em sua efetivação real

Para Barros (2003), Bakhtin influenciou ou antecipou as principais orientações teóricas dos estudos sobre o texto (discurso). Organizada em duas partes, o texto de Barros discute a concepção de texto (discurso ou enunciado) como objeto das Ciências Humanas e o princípio dialógico como constitutivo da linguagem. Na primeira parte, a autora afirma que a especificidade das Ciências Humanas está no fato de que seu objeto

² Critérios de correção da prova pela coletânea da UFG: adequação ao tema: 0 a 4 pontos; à leitura da coletânea: 0 a 4 pontos; ao gênero textual: 0 a 4 pontos; à modalidade: 0 a 4 pontos; coesão e coerência: 0 a 4 pontos.

é o texto (ou o discurso). Em outras palavras, as Ciências Humanas voltam-se para o homem, o homem como produtor de textos, como concretização em texto, já que é pela linguagem que a realidade torna a ele possível. Procura-se conhecer um objeto nas Ciências Naturais, um sujeito nas Ciências Humanas. O sujeito expresso, materializado em texto, não é individual, é social, uma vez que o homem se constitui como tal nas relações que estabelece com o outro e com o mundo a partir da linguagem (BAKHTIN, 2009). O princípio dialógico é, nesse sentido, apresentado que a relação entre sujeitos se efetiva no diálogo *em* e *com* textos. As Ciências Humanas, portanto, têm método e objeto dialógicos, em função da própria composição discursiva. Por isso, a autora citada afirma que a intersubjetividade é anterior à própria subjetividade. Segundo Bakhtin (2003) “é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. Em síntese, a vida é dialógica por natureza”.

Diante desta concepção de linguagem em que o homem se constitui sujeito na relação com o outro e com o mundo por meio da linguagem, Bakhtin (2003) desenvolve o estudo sobre os gêneros discursivos. A linguagem, segundo esse autor, se materializa em gêneros, caracterizados como tipos de enunciados relativamente estáveis, compostos por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. O conteúdo temático não é o assunto específico de um texto, mas é o domínio de sentido de que se ocupa o gênero. Assim, as cartas de amor apresentam o conteúdo temático das relações amorosas, como afirmou Fiorin (2008). A construção composicional é o modo de organizar o texto e estruturá-lo, por isso, as cartas trazem a indicação do local, da data, o nome de quem escreve e o da pessoa para quem se escreve. O estilo é uma seleção dos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado (FIORIN, 2008, p. 62).

Bakhtin (2003) não pretende compor um catálogo dos gêneros, porque sua riqueza e variedade são infinitas e cada esfera da atividade humana comporta um repertório significativo de formas discursivas. O que importa verdadeiramente é entender o enunciado assim construído, enunciado envolto no estabelecimento de elos discursivos:

Todo enunciado - da réplica sucinta do diálogo ao grande romance ou tratado científico - tem princípio e fim absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do término; os enunciados responsivos de outros (ou ao

menos uma compreensão ativa responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). (BAKHTIN, 2003, p. 275).

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada de alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro. Observa-se essa alternância dos sujeitos do discurso de modo mais simples no diálogo real, em que alternam as enunciações dos interlocutores (parceiros do diálogo), aqui denominadas réplicas. Cada réplica possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação ao qual ele pode assumir uma reação responsiva (compreensão ativa responsiva).

Nesse sentido, compreender um texto é dialogar com ele, é assumir uma posição ativa em relação ao que foi dito, aos discursos anteriores e aos discursos posteriores, uma vez que somente quando o homem mergulha no fluxo da comunicação discursiva sua consciência desperta e começa a operar, disse Bakhtin (2009). Por isso, esse autor defende que a língua em sua completude só pode ser apreendida em forma de enunciados, o que inclui sujeitos, historicidade, diálogo, gêneros discursivos, entre outros aspectos.

Para Rojo (2000), qualquer enunciado fatalmente fará parte de um gênero. Mas não de uma forma pura e simplesmente determinista:

Se vou me expressar em um determinado gênero, meu enunciado, meu discurso, meu texto será sempre uma resposta ao que veio antes e suscitará de respostas futuras, o que estabelece a profunda diferença entre intertextualidade (diálogo entre texto) e interdiscursividade (diálogo entre discursos). (ROJO, 2000, p. 19-20)

Para Marcuschi (2002), gêneros são eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem a partir de necessidades, atividades socioculturais e inovações tecnológicas. Caracterizam-se mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. Não há como formular uma única definição para gênero discursivo. Existem diferenças

significativas entre os teóricos sobre como os gêneros devem ser descritos e o que significa aplicar o estudo de gêneros na sala de aula³.

Independentemente de tempos precisos, os gêneros são oriundos da atuação do homem no mundo, por isso novos gêneros surgem conforme a complexidade das relações sociais, a dinâmica e as exigências da própria sociedade. Segundo Bakhtin, a unidade fundamental de análise dos gêneros discursivos é o enunciado, o qual é socialmente definido em relação ao enunciado de outros falantes, como já foi dito. Por isso, o papel do outro é muito importante. “Os outros não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2003, p. 301). O autor divide os gêneros discursivos em primários e secundários. Os gêneros primários (da vida cotidiana) são predominantemente, mas não exclusivamente, orais. Pertencem à comunicação verbal espontânea e tem relação direta com o contexto mais imediato. Ex: piada, bate-papo, conversa ao telefone, e-mail, bilhete, chat, etc. Já os gêneros discursivos secundários pertencem à comunicação mais elaborada: jornalística, jurídica, científica, entre outras, são preponderante, mas não unicamente, escritos: por exemplo, o sermão, o editorial, o romance, a poesia lírica, etc.

Os gêneros secundários absorvem e digerem os primários, transformando-os. Essa transformação revela o funcionamento real da língua, em que passado e presente histórico se entrecruzam; não se evidenciam rupturas, mas continuidades, transformações. No caso dos gêneros primários, ao serem “incorporados” aos secundários, peculiaridades próprias lhes são alteradas. Eles perdem, por exemplo, sua relação com o contexto social imediato e se inserem num jogo em que diferentes gêneros se entrecruzam ocasionando sentidos precisos. A mesma situação pode ocorrer com os gêneros secundários. Fiorin (2008) cita, como exemplificação para esse caso, uma conversa de amigos sobre fatos da vida a qual pode assumir forma de uma dissertação filosófica. Enfim, os gêneros se entrelaçam, aspectos de uns podem estar em outros. Em um romance, pode ser usado notas de rodapé próprias da forma composicional de um texto científico para dar explicações de como se defende uma tese (FIORIN, 2008, p. 70). Já uma tese pode ser composta fugindo a determinados estereótipos, com o intuito de contestar uma instituição, um fazer científico. Tudo isso

³ Marcuschi (2002, p. 33) afirma que os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual e aponta que um maior conhecimento dos gêneros textuais é importante tanto para produção como para compreensão.

são formas de manifestação do sujeito na linguagem. Os sentidos construídos podem ser plurais, mas há uma intencionalidade nessas manifestações, porque não existe neutralidade no uso da língua.

Todavia, segundo Bakhtin (2003) há gêneros mais flexíveis e outros estereotipados. O que não impossibilita a subversão de regras. Por isso o autor afirma que os gêneros são formas relativamente estáveis. Entre liberdade e interdição, a língua se realiza como um processo dinâmico. A rigor, o propósito comunicativo do falante leva à seleção de um gênero, cuja escolha é determinada pela especificidade de uma dada esfera da troca verbal, pelas necessidades de uma temática, pelas relações entre parceiros da comunicação verbal. O que se espera é que haja a adaptação às especificidades do gênero selecionado, o que não implica ausência de marcas de estilos, como tem sido dito, haja vista o exemplo da utilização de gêneros considerados estereotipados como o relatório por Graciliano Ramos na época em que foi prefeito de Palmeiras dos Índios, em Alagoas, tal qual citou Fiorin (2008) e Marcuschi (2008).

Todo enunciado destina-se a um interlocutor, é endereçado a alguém, possui dimensão social. Ao ser assim endereçado projeta esse interlocutor, dialoga com ele, responde a dúvidas que podem surgir, leva em conta o conhecimento que esse interlocutor possa ter. Diferentemente das palavras e orações isoladas, o enunciado possui autor e destinatário.

É a partir do destinatário quer seja interlocutor direto quer seja auditório social que o locutor escolhe, seleciona as formas de composição de seu discurso. O enunciado está voltado ainda a outros discursos, que emergem de todos os lados e em vários sentidos. Como cadeia da enunciação discursiva, o enunciado gera, suscita, porque se materializa de forma contínua e histórica, “atitudes ativas responsivas e ressonâncias dialógicas” (BAKHTIN, 2003, p. 300).

2 Diálogos discursivos: os propósitos da escrita

O processo de interação verbal e social é proveniente de um diálogo estabelecido com discursos materializados ou não em textos impressos (intertextualidade e interdiscursividade). Na construção de um discurso, em especial na forma escrita, fica evidente, pela teoria bakhtiniana, que essa formação é resultante do entrelaçamento de

variadas vozes, de posicionamentos e construções sociais. Isso implica a compreensão da língua como signo e não como sinal. Compreensão e identificação marcam a atuação do sujeito que diz e, ao dizer, infere, altera o outro, a si, o mundo e a própria língua.

Nas composições para o vestibular, espera-se, por parte do vestibulando, uma tomada de posição em relação aos discursos oferecidos, sob cuja argumentação ele fundamenta suas bases. Posicionamento ativo responsivo entendido como:

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. [...] toda compreensão é prenhe de resposta. (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Essa forma de dar sentido à língua, pela dinâmica estabelecida pelos sujeitos que a constitui, contrapõe-se a um entendimento de língua pronta e acabada para ser usada por sujeitos também prontos e acabados. Bakhtin (2003, 2009) afirma que os indivíduos não têm acesso à língua dessa maneira. Aprender a vivacidade da língua não supõe, simplesmente, analisá-la por unidades isoladas, por uma perspectiva linguística apenas, mas apreendê-la por enunciações, numa dimensão extraverbal, em que o sentido se constrói para além de uma materialidade linguística. O autor propõe, então, estudar a língua numa perspectiva metalinguística (BAKHTIN, 2005). Concepção que se contrapõe à defesa de Saussure e seus partidários como Meillet, os quais veem a língua de forma puramente objetiva, ou seja, um sistema de normas fixas, imutáveis e incontestáveis, sistema acabado, no sentido de totalidade dos traços fônicos, gramaticais etc.

O propósito da coletânea de vestibular da UFG é pôr em cena o sujeito que diz, como diz e por que diz. No caso específico das produções do primeiro semestre de 2009, a intenção era promover uma reflexão temática sobre *As formas de vigilância e controle do corpo* a partir do fragmento de textos oriundos de fontes diversificadas. Neles foram apresentadas controvérsias acerca do ideal da beleza, enquanto normalização, a partir de redes discursivas criadas pelo olhar do outro, compondo, assim, um universo simbólico normativo que caracterizava as práticas de modificação do corpo e a negação do próprio sujeito em sua historicidade. O primeiro texto a ser analisado é um editorial:

VERDADES ABSOLUTAS

Em tempos de crise e incertezas políticas e econômicas, há algo certo, que sobrevive às quedas das bolsas internacionais, às eleições presidenciais norte-americanas e até às mudanças de mentalidade das sociedades com o passar dos tempos: a indústria da beleza. Ditando comportamentos, movendo milhões (de reais e de pessoas), motivando os cuidados com a saúde e até mesmo os desenvolvimentos tecnológicos, ela é soberana em todos os meios de comunicação e em todo o imaginário popular: os modelos das propagandas têm necessariamente belos sorrisos; as heroínas dos contos de fada são, por lei, jovens e atraentes; os produtores de alimentos investem cada vez mais em produtos dietéticos. Embora os personagens da vida real sejam bem diferentes dos vendidos pela mídia, preferimos ainda a busca por tais imagens idealizadas de seres humanos. E quando esta busca torna-se extrema demais?

A imagem da velhice como uma fase de repouso e incapacidade física e intelectual está cada vez mais obsoleta. Pesquisas recentes mostram que os idosos estão mais e mais ativos, seja na vida profissional ou nos âmbitos pessoal, emocional e sexual. Rejeitam a idéia de maturidade e, inconscientemente, fomentam o preconceito contra a chamada “terceira idade” por não se aceitarem como representantes dela. As rugas, anteriormente vistas como sinais de experiência e sabedoria, são esticadas e eliminadas com sucessivas aplicações de Botox, como se o valor de seus detentores só pudesse ser mostrado pelo corpo. A sede de juventude estimula também os cirurgões plásticos a passarem por cima do juramento de Hipócrates e abrirem mão do bom senso, disponibilizando verdadeiros catálogos de intervenções cirúrgicas (que, atualmente, podem ser realizadas até em jovens de 16 anos, se assim quiserem esculpir seus corpos por desejos puramente estéticos). Os excessos foram admitidos até mesmo por João de Moraes Prado Neto, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – Regional São Paulo. A razão por trás de todo esse exagero é simples: a necessidade de aceitação.

O homem, criatura que parece ter sido especialmente constituída para viver em sociedade, procura instintivamente se adequar às regras que ele mesmo, em conjunto com seus semelhantes, criou – normas de boa convivência, de educação, de formação cultural, de posse e patrimônios a serem ostentados e, como não poderia deixar de ser, de aparência. Na antiguidade, os belos eram roliços, indicando riqueza e comelância; nos anos 60, a modelo twiggy personificou a magreza como beleza; nos anos 80, as curvas e o porte atlético estavam em alta – e em todos estes períodos, os seres humanos correram atrás dos padrões para serem aceitos, admirados, para fazerem parte do clube [] o corpo se tornou, eventualmente, uma prisão, e, mesmo com os argumentos de fashionistas e ditadores de tendências de que tudo [] auto-estima, essa prisão está fechando o cerco a cada momento mais e mais. Atualmente, nosso padrão de beleza tende ao inumano, de magreza inatingível e total inexpressividade. Como os ingleses da banda Pink Floyd ilustraram no videoclipe da canção “Another Brick on the Wall”, estamos sendo empurrados para a máquina da contemporaneidade, que nos converterá em nada mais que uma massa de carne compacta e sem vida. Os pequenos prazeres da vida, as diferenças que enriquecem, são todas descartadas em prol de uma lei maior: de desrespeito a si mesmo.

Temos limites e os conhecemos. Sabemos que o essencial vai muito além do que é visível a olhos nus, para citar Antoine de Saint-Exupéry. Cada etapa da vida deve ser respeitada e assimilada, não simplesmente como uma forma mais saudável de viver, e sim como uma forma de celebrar a humanidade, a diversidade. Em tempos de crise e incertezas políticas e econômicas, resgatemos mais uma verdade, imbatível e tão clara que chega a ser óbvia: o caminho para a felicidade é construído de dentro para fora, e não o contrário.

Com o título “Verdades absolutas”, o (a) vestibulando constrói seu discurso a partir de inúmeros outros, o que revela o fato de que o sujeito se constitui na trama discursiva. Logo no início da produção, ao discutir a construção da indústria da beleza a qual não apenas dita padrões de comportamentos e modos de “ser” e de “viver”, mas também fortalece o capitalismo por movimentar “milhões (de reais e de pessoas)”, o (a) vestibulando associa o passado e o presente por tempos históricos. A discussão do novo

e do velho, do arcaico e do moderno se evidencia no texto. Heroínas de contos de fadas, “por lei, jovens e atraentes” se contrapõem “ao grupo da terceira idade”. Ao resgatar o diálogo com os contos de fadas, ficção e realidade se cruzam a partir de “imagens idealizadas”. O dialogismo entre discursos é percebido em diversas partes do texto, em algumas delas esse diálogo busca a legitimidade discursiva, dando um tom de veracidade ao que se defende, como no caso: “pesquisas recentes mostram que os idosos estão mais e mais ativos”. A comprovação da verdade é defendida também quando, ao discutir a questão das cirurgias plásticas em prol de um corpo perfeito tendo como modelo o corpo juvenil, cirurgiões transgridem a ética profissional, passando “por cima do juramento de Hipócrates”, excessos “admitidos até mesmo por João de Moraes Prado Neto, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica”. Nesse sentido, a legitimidade discursiva é assegurada pela apresentação de nomes: Hipócrates e João de Moraes Prado Neto (um deles, no caso o segundo, citado pela coletânea) e pela certificação associada a pesquisas realizadas.

Embora o (a) vestibulando (a) não tenha apresentado a fonte de tais pesquisas, é inegável que esta ideia esteja a todo momento sendo disseminada pelos meios de comunicação, ora com relevante coerência, pois há pesquisas científicas que comprovam o aumento na expectativa de vida da população mundial, devido ao maior acesso a tratamentos médicos, atividades físicas e até mesmo cuidados estéticos, ora apenas como meio indutor ao consumismo exacerbado para se atingir a tão sonhada felicidade, prolongamento da vida e / ou melhoria da autoestima . Um dos textos da coletânea afirma que a expectativa de vida, no século XX, dobrou em função do advento dos antibióticos e da saúde pública. O candidato (a) se faz valer deste e de outros conhecimentos na construção de seu texto para persuadir seu interlocutor sobre as consequências dos cuidados, a vigilância e o controle do corpo.

Outros trechos reforçam discursos já ditos, seja em forma de representações sociais (interdiscursividade), seja em forma de textos acerca da velhice (intertextualidade). No caso, “as rugas, anteriormente vistas como sinais de experiências e sabedorias, são esticadas e eliminadas com sucessivas aplicações de Botox, como se o valor de seus detentores só pudesse ser mostrado pelo corpo ” apreende a maneira como diferentes culturas lidam com a questão da velhice, como a China, em que, segundo Bloise (2003), Lao-tse já nasceu de cabelos brancos, com aspecto de velho. A velhice é

percebida como prefiguração da longevidade, do acúmulo de experiências, saberes e reflexões.

Outro elemento discursivo que também se destaca no mesmo texto é a alusão histórica que o (a) vestibulando apresenta e que, inclusive, já foi, de maneira similar, veiculada em mídia impressa e pode ser acessada atualmente pela internet: “Na antiguidade, os belos eram roliços, indicando riqueza e comelância; nos anos 60, a modelo Turggy personificou a magreza como beleza; nos anos 80, as curvas e o porte atlético estavam em alta – e em todos esses períodos, os seres humanos correram atrás dos padrões para serem aceitos, admirados...”⁴.

Há ainda um trecho de um clipe e de uma obra bastante conhecidos. No primeiro caso, o clipe é da canção *Another Brick on the Wall* de Pink Floyd a partir do qual o (a) candidato ao vestibular apresenta aspectos da contemporaneidade numa associação entre seres iguais e sem vida e massas compactas. Associação muito próxima a um trecho presente em um texto da coletânea, em que o “belo” ganha feição de artificial, os homens se tornam assustadoramente iguais uns aos outros, como estátuas, como se “tivessem saídos (com defeito de fabricação) da mesma linha de produção. No segundo caso, o diálogo é com *O pequeno príncipe*: “[...] Sabemos que o essencial vai muito além do que é visível aos olhos nus, para citar Antoine de Saint-Exupéry”. Tudo isso de maneira explicitada ou não no texto.

O (a) vestibulando (a), para dar mais consistência, embasamento, veracidade à sua argumentação, faz uso de informações extracoletânea (estudos históricos e literários realizados, informações obtidas) para conduzir o pensamento do leitor (no caso a banca) para um único fim. Apesar disso, o auditório social é considerado. Fica clara a construção de um discurso opinativo em relação ao tema. Discurso que aos poucos se constrói e consolida uma ideia constituída a partir de muitas vozes, deixando assim, nenhuma ou pouca margem à refutação.

Outra evidência de construção discursiva sobre o mesmo tema e gênero, porém de outro vestibulando (a) é encontrada na produção:

⁴ Texto similar à perspectiva histórica apresentada pode ser encontrada no endereço eletrônico: <http://historia.abril.com.br/comportamento/corpo-feminino-ideal-435353.shtml>. Acesso: 22 de outubro de 2010.

A BELEZA É FASCISTA

Rita de Cássia é uma bela mulher de 51 anos. Frequenta a academia de musculação duas horas por dia, de segunda a sábado. Hidroginástica três vezes na semana. Caminha no calçadão, à beira da praia, das 18:00 as 19:00, de segunda a sexta. Bronzeamento artificial duas vezes ao mês. Cabelo, unhas e pele todos os sábados. Vive de dieta desde os trinta anos de idade. Aos domingos sai com as amigas. Bebem algo leve e sofisticado. Comem salada e mostram como estão cada vez mais magras, além de trocarem figurinhas sobre suas últimas cirurgias estéticas. Cada uma delas fez pelo menos três, em apenas um ano.

Rita de Cássia é um nome fictício. Mas a pessoa é real e as amigas também. Todas são belas e exuberantes, mas querem ser cada vez mais, mais belas e mais exuberantes.

Nossa repórter, Alessandra Marques, participou, durante seis meses, do cotidiano de doze mulheres como Rita de Cássia. Foi, sem dúvida, um dos mais fantásticos trabalhos produzidos pela equipe de reportagem do jornal Folha Brasileira. Alessandra, além de jornalista é psicóloga e, ao fim da experiência, ousou um diagnóstico: “a sensação que tive foi que essas pessoas são escravas não de seus corpos, mas da opinião que outras podem ter deles!”

A reportagem trouxe um outro dado intrigante: essas mulheres passam, com seus filhos e maridos, o equivalente a 15h por semana. Seria este, para alguns, o chamado estilo de vida “pós – moderno”? Não há dúvida e difícil é refutar tal fato: vive-se a ditadura da beleza e da juventude. Parafraseando um conhecido ditador: Tudo pelo corpo, nada contra o corpo e nada fora do corpo. Há sim, uma espécie de regime fascista no que diz respeito ao peso do corpo, ao tamanho do nariz, dos seios, da bunda, dos lábios, etc.

É assustador perceber que ter uns quilinhos a mais ou marquinhas do tempo em alguma parte do rosto, se tornou algo entre o profano e o politicamente incorreto. Houve um tempo em que o mais importante era controlar as idéias, elas podiam ser perigosas. Hoje, o controle é para se chegar à uniformidade de corpo.

Assim, em função dos avanços e da facilidade financeira em fazer várias intervenções estéticas, parece que todos, um dia, serão uniformemente e, ditatorialmente, belos e jovens. Os “feios” e os “velhos” que se cuidem, pois serão considerados agentes da subversão. Muita gente já foi presa por isso: por não aceitar determinada “normatividade sociocultural”.

O discurso do estudante acentua-se no decorrer do texto à medida que ele assume um posicionamento ativo responsivo no diálogo com o texto e fundamenta sua opinião com citações e referências. “Parafraseando um conhecido ditador: Tudo pelo corpo, nada contra o corpo e nada fora do corpo” (Paráfrase da célebre frase do ditador Antônio de Oliveira Salazar: “Tudo pela nação, nada contra a nação”). “Houve um tempo em que o mais importante era controlar as ideias, elas podiam ser perigosas. Hoje, o controle é para se chegar à uniformidade do corpo” (Resgate de tempos históricos ditatoriais, no Brasil, o Estado Novo e a Ditadura Militar).

Como característica do gênero editorial, o autor do texto aponta todo o suposto processo de pesquisa que resultou da temática trabalhada pelo jornal. Alessandra, repórter e “psicóloga”, conviveu, “participou do cotidiano de doze mulheres”, podendo assim “afirmar”, “confirmar” (característica que define o discurso jornalístico) a ditadura instaurada pela “estética da beleza e da juventude”, em que busca-se o peso certo e a medida perfeita a partir do olhar do outro. Exatidão, por meio de estereótipos,

a qual define, em contraposição ao passado do controle das ideias, a uniformidade do corpo.

A ordem se instaura nos tempos históricos sob novas roupagens. E olhares vigilantes apontam o que fazer e como agir. O jornal também se posiciona frente ao assunto, ao dizer que todas as mulheres pesquisadas “são belas e exuberantes”. Dito isso, embora ele conteste a escravidão do corpo, acaba por reforçá-lo. A coerência na construção argumentativa, os elementos de coesão que “amarram” as ideias, a objetividade na abordagem do tema, a construção clara e organizada dos períodos evidenciam bom domínio linguístico e acentuada compreensão ativa responsiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se nessas produções que para a construção do discurso o candidato se posiciona frente às vozes sociais que são a ele ofertadas ou não pela coletânea. Fato observado na utilização de citações, referências históricas, uso de dados e outros meios de fundamentação argumentativa, os quais visam tanto legitimar, reforçar, persuadir, defender um ponto de vista, quanto evidenciar um conhecimento que se espera ter, haja vista o auditório social ao qual o candidato responde. Observa-se também uma preocupação com aspectos dos gêneros em duas das produções analisadas, o que confere a elas um valor de circulação social, já que a língua, em seu funcionamento real, se concretiza em gêneros.

Simplesmente analisar um texto priorizando a norma culta da língua, ou o aspecto linguístico, como diz Bakhtin, pouco contribui para a apreensão da língua em sua vivacidade. A primeira produção demonstra isso, embora o texto seja bem escrito, tenha sido bem pontuado, ele peca ao desconsiderar aspectos da constituição do gênero discursivo. Composição que o diferencia do segundo texto e o distancia das características que o define como editorial. No caso específico dos propósitos da coletânea, o objetivo almejado é que o diálogo entre interlocutores desencadeie uma compreensão ativa responsiva no vestibulando e que ele construa seu discurso usando a coletânea a serviço de seu texto, articule coerentemente as ideias e explore e extrapole o recorte temático dado pela instituição. No entanto, a coletânea apresenta problemas no fato de, ao cobrar gêneros, não se ater necessariamente aos critérios para essa

composição, haja vista a diferença mínima de nota entre a primeira e a segunda produção aqui analisadas (A primeira teve pontuação máxima, 20 pontos; a segunda, 19). A adequação ao gênero deveria ser pontuada num valor estimado entre 0 a 4 pontos, assim como outros critérios de avaliação sofreriam também essa variação. De acordo com a definição do gênero feita pela universidade e a análise da produção do vestibulando, percebe-se que a contemplação ocorreu parcialmente. Papel que caberia ao corretor definir!

Outra evidência desencadeada pelo trabalho é a função do corretor, que não se deve ater exclusivamente aos aspectos linguísticos no momento da correção, como o próprio curso de formação da UFG propõe, embora não o execute em sua inteireza. Os estudos bakhtinianos avançam em relação aos estudos linguísticos, daí a proposta por Bakhtin de um estudo metalinguístico, ao apresentar a língua como produto vivo. Pelo fato de a língua ser viva, ela é histórica, supõe movimento, transformação, não pode ser considerada como algo fixo e estável. Esse fato acarreta a necessidade de o corretor compreender o texto em sua dimensão dialógica, portanto, social e histórica. Nesse sentido, não seria errôneo dizer que, no processo de correção linguística, outros aspectos devem ser considerados para que o texto ganhe uma dimensão social, uma circularidade efetiva. É preciso que o corretor esteja a par das discussões científicas acerca do desenvolvimento da linguagem (reafirmando a língua em sua vivacidade histórica, entendendo a importância dos gêneros discursivos); compreenda a ideologia que permeia a prática da escrita, a relação estabelecida pelo outro, para o outro e com os outros no exercício de se constituir sujeito social (interação verbal, auditório social e dialogismo), de atingir propósitos pelo ato de escrever (a língua como signo e sinal). A escrita muito mais do que um simples dizer, é um dizer que soa e ressoa, que significa e resignifica, que reflete e refrata a realidade, como diria Bakhtin.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

BLOISE, P. O tempo das crônicas. In: ASSIS, M. et. al. *Do conto à crônica*. São Paulo: Salamandra, 2003.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica. BH, 2008.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática. 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. (Org.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

ROJO, R. H. R. *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. In: Brait, B. (Org.). *PCNs, gêneros e ensino da língua: faces discursivas na textualidade*. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

TRAVAGLIA, L. T. et al. (Orgs.). *Gêneros de texto: caracterização e ensino*. Uberlândia, EDUFU, 2008.